

EDUCAÇÃO PÓS PANDEMIA

UM GUIA PARA DESAFIAR AS ESCOLAS



+DE 60 TESTEMUNHOS
COM IDEIAS, SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS
PARA TRANSFORMAR AS ESCOLAS!



Índice

Prefácio.....	4
Introdução	7
1. Uma oportunidade para repensar a escola	9
A pandemia, nós e a escola	10
Agir devagar, em largura e em profundidade.....	12
A reinvenção da escola	14
num contexto pós pandêmico.....	14
Agir na Educação	17
Olhar o Futuro da Escola com Esperança.....	21
Círculos de aprendizagem	24
A crise, uma oportunidade de mudança para as escolas.....	26
Síntese	29
2. Escola-Comunidade.....	30
Aquém e Além Portões	31
O relato de uma escola sobre o E@D	33
O Eu, o Outro e Nós na Educação	37
Bem-estar docente	40
Uma Experiência Única	42
Vivências de uma pedopsiquiatra em tempos de confinamento	44
Aprender + em contexto de confinamento:	
o contributo da mediação na inclusão e sucesso numa escola de todos e para todos	46
A experiência do Programa Escolhas ao nível da educação	
no âmbito da pandemia da COVID- 19	49
Abrir a Escola à Família	52
A cidadania da Palavra	55
Síntese	56
3. Escola de Afetos e Relações.....	57
As oportunidades e desafios no pós-pandemia	58
Cuidar das crianças	60
Sonho com um mundo melhor!	62
A vida ficou entre parêntesis	65
As oportunidades para além da crise	68
Os 4 Cs do Autocuidado e do Sucesso Escolar.....	72
Quando um problema vira uma oportunidade	75
Nada será como dantes.....	78
Síntese	79
4. Práticas Centradas nos Alunos	80
Uma oportunidade assíncrona.....	81
Um investimento estratégico na educação.....	83

Novos contextos pedagógicos.....	86
Responder com urgência.....	88
Um acontecimento ditador de mudança	90
Educar em Tempos de Cólera.....	91
A pedagogia atingindo o seu auge.....	94
Dar feedback formativo – o motor da aprendizagem.....	96
Os jovens contribuem para pensar a Educação	98
Síntese	100
5. Diversificação pedagógica, preparação para a vida	101
Ensino e aprendizagem não presencial	
– a experiência do confinamento e o que devemos mudar.....	102
Um portefólio de competências	104
Da estratégia à solução	106
(Re)Pensar o ensino, (re)criar práticas	108
Parar para pensar	111
A capacidade de adaptação à mudança.....	114
O aluno inteiro	115
Programa PMI Portugal nas Escolas - Contribuir para a educação	
do futuro através da linguagem universal da gestão de projetos.....	117
Da fadiga digital à aprendizagem informal com jogos de tabuleiro modernos	119
As certezas de hoje não são (com toda a certeza) as de amanhã	121
Síntese.....	122
6. A tecnologia, potenciadora de novas práticas pedagógicas	123
Como será a Escola depois do Covid-19?	124
Repensar a Escola: uma necessidade com oportunidade.....	126
As tecnologias na escola pós pandemia	129
As oportunidades de uma boa crise	132
O futuro será a aprendizagem híbrida?.....	134
Escola, uma aldeia digital	137
Escola mais inclusiva, equitativa e colaborativa.....	139
Uma ponte entre o Ensino e a Tecnologia	141
Confinamentos e Alunos capazes de Criar, Colaborar e Comunicar	142
Síntese	145
7. Uma oportunidade para todos.....	146
Aprender, uma das aprendizagens mais entusiasmantes da vida.....	147
Educação: o programa não segue dentro de momentos... ..	149
Impacto da pandemia nas crianças e jovens – projeto Barra.....	151
Poderá esta ser a oportunidade	
para garantir o pleno desenvolvimento de todas as crianças?.....	154
Visões e perspetivas sobre o impacto da pandemia na educação.....	156
E depois da pandemia? Uma escola em tempos de mudança... ..	159
A educação antirracista nas escolas portuguesas.....	161
Síntese	164
Conclusão.....	165

Agir devagar, em largura e em profundidade

Após dois períodos de confinamento, são muito claras as perturbações causadas na educação escolar, seja nas aprendizagens e no estado socioemocional, seja nos alunos e nos professores.

Como em tudo o que nos ocorre, o importante não é cada um(a) e cada instituição enterrar-se a procurar responder a todos os “porquê”, mas antes erguer-se e procurar respostas para os “para quê”.

Muitas coisas estão a mudar. No regresso à escola, em abril de 2021, importa começar por fazer um diagnóstico rigoroso da situação de cada escola, turma, aluno e professor (e técnicos de apoio). Sem um diagnóstico bem feito, abarcando a multiplicidade de pontos a observar e o rigor com que isso se faz, tudo o que se vier a planear pode ficar desde logo comprometido. Cada escola é uma escola concreta, cada turma é uma turma precisa, cada aluno e cada professor são pessoas específicas, todos viveram de modo muito próprio estes dois confinamentos.

Feito isso, importa proceder a um levantamento dos problemas existentes e das aprendizagens e mais-valias alcançadas e planear a resolução dos primeiros e a potenciação das segundas.

As ações serão, assim, muito variadas: desde apoio socioemocional, até “recuperação” de aprendizagens não realizadas, desde consolidação de aprendizagens, até atividades de integração e de promoção do bem-estar, desde desdobramento de turmas até apoios tutoriais ou assessorias individuais ou de pequenos grupos, ... Tudo deve ser feito de modo a que o regresso à escola não se transforme em ainda mais instabilidade, insegurança e incerteza, o que pode ocorrer se quisermos adotar mil ações e projetos “especiais” e “urgentes”. Temos de ter tempo e ele não se esgotará em um ou dois meses de iniciativas frenéticas, para depois voltar tudo ao que sempre foi.

Há muitas feridas abertas para sarar e não adianta passar por cima disso porque só agravaremos os problemas. Alunos e professores precisam de paz e estabilidade, tempo para dialogar e tempo para “recuperar”, o que requer ponderação e execução de intervenções cirúrgicas, feitas sobretudo no recato de quem sabe atuar eficaz e serenamente. Os tempos acabados de viver foram de grande tensão emocional, de esforço acrescido para alunos, professores e pais. Mau seria se os prolongássemos e reproduzíssemos agora dentro das escolas.

Os DT e os Conselhos de Turma terão papéis cruciais a desempenhar para concretizar ações bem planeadas, executadas, monitorizadas e melhoradas. As transições de ciclos deverão merecer atenção particular. De todos os anos de escolaridade, especial cuidado deverá ser dado ao próximo 3º ano, pois além de constituir um ano que surge na sequência de outros dois onde houve confinamentos e falhas na edificação dos alicerces da aprendizagem escolar, estes dois anos são os primeiros da escolaridade e este terceiro ano é particularmente rigoroso e apresenta já de si excessivas expectativas de aprendizagem por parte dos alunos. Sem bons alicerces não haverá boas aprendizagens escolares subsequentes. Com idêntico cuidado se deveria olhar para o 5º, 7º e 10º anos, no próximo ano letivo.

Só com esta cuidadosa ação em cada escola se poderão vir a combater as profundas desigualdades que se verificaram não só no acesso a computadores e internet, como nas oportunidades educativas. O ME deverá, por isso, evitar correr o risco de proceder à determinação de orientações e procedimentos iguais para todas as escolas (como é costume e como se tem apregoado no espaço público). Importaria que fornecesse, como básico, rede em banda larga de qualidade para todas as escolas e equipamentos adequados às necessidades de cada uma.

Bom seria que nos planos de ação escolas pudessem ser agora incluídos no ensino presencial os ganhos obtidos na prática do ensino remoto a distância. Feito o balanço desses ganhos, seria possível evoluir para modelos mais integrados (ou híbridos) de ensino e aprendizagem, conciliando as virtualidades de ambos. Só assim se poderá transformar em graça a enorme desgraça que esta pandemia está a significar, aproveitando ao máximo aquilo que se conquistou com o modelo de ensino remoto de emergência. Os alunos e os professores muito ganhariam com esta integração, pois o recurso a plataformas de ensino a distância pode enriquecer as estratégias de ensino e aprendizagem do ensino presencial, permitindo, por exemplo, gerir grupos diferenciados de alunos, a atribuição de tarefas simultâneas e diferentes para grupos diversos, dar um feedback de qualidade e imediato, praticar modelos mais colaborativos para alunos e professores de cada turma e área disciplinar, fazer um planeamento semanal do ensino-aprendizagem por parte dos professores de cada turma, que ajudaria alunos e pais, ...

Finalmente, esta é também uma excelente oportunidade para as autarquias locais reforçarem o seu compromisso com a educação de qualidade de todos os cidadãos, prosseguindo práticas inclusivas e sociocomunitárias muito significativas realizadas durante os confinamentos.

Esta crise está repleta de oportunidades; temos de as saber aproveitar; quem o fizer vai erguer-se e avançar. A primeira das oportunidades deve ser combater mais e melhor as desigualdades que persistem e que se ampliaram durante os confinamentos.

Joaquim Azevedo

Universidade Católica Portuguesa